

INFÂNCIAS: UM RELATO SOBRE ESCUTA E SENTIDOS.

ALICE BRAGA DA SILVA¹; FERNANDA DUTRA SILVEIRA²; ABIMA DOS SANTOS LOBO³; SOFIA BRUM BERTASO⁴; HARDALLA SANTOS DO VALLE⁵

¹Universidade Federal de Pelotas - UFPel – alicesilva2692@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas - UFPel – ffernanda.silveira@yahoo.com.br

³Universidade Federal de Pelotas - UFPel – abimalobo@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas- UFPel – sofiabertaso02@gmail.

⁵Universidade Federal de Pelotas- UFPel – hardalladovalle@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho integra as ações do Grupo de Estudos e Pesquisa das Infâncias (GEPI), vinculado à Universidade Federal de Pelotas, e descreve uma experiência desenvolvida no projeto “Pensando com e sobre as crianças em espaços não-formais de educação”, coordenado pela Prof.^a Hardalla do Valle (FaE/UFPEL) e possui parceria com a ONG Alimentar¹. A atuação extensionista do GEPI ocorre junto a crianças cujas famílias se encontram em situação de vulnerabilidade social, sendo atendidas pela ONG com foco na segurança alimentar. Durante os atendimentos às famílias, realizados aos domingos, o grupo organiza vivências pedagógicas com as crianças, priorizando abordagens sensoriais e expressivas.

A proposta se fundamenta em uma concepção de infância enquanto categoria social e histórica (SARMENTO; PINTO, 1997), compreendendo as crianças como sujeitos de direitos, produtores de cultura (KRAMER, 2007) e atravessados por marcadores sociais como classe, raça e gênero. As atividades pedagógicas foram estruturadas em torno de três eixos: o arco sensorial, as colagens naturais e a experimentação de frutas, objetivando encorajar a investigação, a descoberta, a imaginação e criatividade ao explorar os elementos da natureza, oferecendo possibilidade de criação para a criança pesquisadora (MARTINS, 2023).

Posteriormente, as mesmas atividades foram realizadas em um espaço turístico da cidade de Pelotas/RS, o Parque da Baronesa com um público infantil de composição social distinta, possibilitando a observação comparativa entre diferentes infâncias e suas interações com os contextos propostos.

2. METODOLOGIA

A metodologia adotada foi qualitativa, de natureza participativa, com base na observação participante e no registro reflexivo das ações realizadas com as crianças. As práticas ocorreram na Praça Dom Antônio Zattera e, posteriormente, no Parque da Baronesa. Ambas as intervenções seguiram os mesmos procedimentos: montagem de um arco sensorial com diferentes materiais táteis e visuais; disponibilização de elementos naturais para a criação de colagens; e apresentação de frutas diversas para exploração por meio dos sentidos (visão, olfato, tato e paladar).

¹ A ONG Alimentar é uma organização sem fins lucrativos que atua na cidade de Pelotas/RS auxiliando pessoas em situação de vulnerabilidade social oferecendo, principalmente, refeições nutritivas.

A ação foi inspirada nos fundamentos da Pedagogia da Escuta (ROLDÃO, 2010; ROCHA, 2015) e na abordagem de Loris Malaguzzi (1999) sobre os "cem linguagens da infância". O olhar metodológico foi guiado pelos aportes da Sociologia da Infância (SARMENTO; GOUVÊA, 2008;), e os registros foram realizados por meio de cadernos de campo e fotografias, com a devida autorização das famílias.

3. RELATOS E IMPACTOS GERADOS

Na ação realizada com as crianças atendidas pela ONG Alimentar, em sua maioria negras ou pardas e acompanhadas por suas mães ou responsáveis, observou-se uma intensa participação nas atividades do arco sensorial e das colagens naturais. No entanto, durante a atividade com frutas, percebeu-se certa resistência inicial, timidez para nomear ou experimentar os alimentos propostos. Tal comportamento pode ser interpretado à luz das desigualdades sociais e raciais que marcam o cotidiano dessas infâncias (MOEHLECKE, 2000), gerando barreiras simbólicas ao pleno exercício de sua agência e expressividade nos espaços públicos. Assim, promover o acesso equitativo a práticas alimentares saudáveis e experiências sensoriais diversas não é apenas uma questão de saúde, mas também de justiça social e do reconhecimento do direito das crianças à expressão plena em espaços públicos.

Em contraste, no Parque da Baronesa, a ação contou com a participação de crianças majoritariamente brancas e de classe média, que demonstraram maior familiaridade com os materiais e alimentos apresentados. Algumas crianças nomearam frutas como pitaya, relataram seus valores de mercado e discutiram seus benefícios nutricionais. A segurança com que ocuparam o espaço e interagiram com os adultos e com as propostas revela o que BOURDIEU (1983) denomina de *habitus* de classe, ou seja, uma disposição socialmente construída que naturaliza a apropriação de determinados saberes e espaços.

Enquanto algumas infâncias são autorizadas socialmente a experimentar e afirmar seus saberes, outras são constantemente reguladas, como aponta GONZALEZ (2020), e muitas vezes precisam "pedir licença" para existir. As crianças atendidas pela ONG demonstraram um grande potencial expressivo nas colagens naturais, revelando formas singulares de criatividade e sensibilidade estética, o que evidencia, conforme CORSARO (2011), que todas as crianças são competentes em sua capacidade de interpretar, resistir e construir significados no mundo social.

4. CONSIDERAÇÕES

As ações realizadas pelo GEPI contribuíram para ampliar as oportunidades de expressão, escuta e pertencimento das crianças em situação de vulnerabilidade social. A comparação entre os dois contextos evidencia como raça e classe social interferem nas formas de habitar os espaços, nos modos de relação com o outro e no acesso às experiências culturais e sensoriais.

O objetivo desta ação foi, além de promover experiências significativas para as crianças, refletir sobre como os marcadores sociais interferem na forma como elas acessam, ocupam e se apropriam dos espaços públicos e das

práticas educativas. A partir da Sociologia da Infância e de estudos sobre interseccionalidade e desigualdades sociais (MONTANDON, 2007; GONZALEZ, 2020), analisamos como diferentes infâncias experienciam o mundo de maneiras desiguais algumas autorizadas a ocupar plenamente os espaços e outras que, como bem pontua SILVA (2021), parecem pedir licença para existir.

Diante disso, defendemos a importância de políticas públicas e práticas pedagógicas que valorizem a diversidade das infâncias, garantindo-lhes não apenas o direito à alimentação e ao cuidado, mas também à cultura, à arte, à escuta e à liberdade de expressão. Reafirmamos, portanto, a urgência de uma educação antirracista, interseccional e sensível às desigualdades estruturais que afetam as crianças em nosso país. Comprometer-se com essa perspectiva é assumir uma postura ética que reconhece as crianças como sujeitos de direitos e aposta em uma sociedade que respeite suas múltiplas existências, saberes e formas de ser.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIEU, P. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp, 1983.

CORSARO, W. A. **Sociologia da infância**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

GONZALEZ, L. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

KRAMER, S. A infância e sua singularidade. In: BEAUCHAMP, Jeanete; PAGEL, Sandra Denise; NASCIMENTO, Aricélia Ribeiro do (org.). **Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.

MALAGUZZI, L. Histórias, ideias e filosofia básica. In: EDWARDS, C.; GANDINI, L.; FORMAN, G. **As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância**. Trad. Dayse Batista. Porto Alegre: Artmed, 1999. Capítulo 3, p.57 – 98.

MARTINS, D. F. **Contextos investigativos: Elementos naturais em vivências e experiências na educação infantil**. 2023. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática) - Programa de Pós-Graduação em Formação Científica, Educacional e Tecnológica (PPGFCET), Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR).

MONTANDON, C.; LONGCHAMP, P.. Você disse autonomia? Uma breve percepção da experiência das crianças. **PERSPECTIVA**, Florianópolis, v. 25, n. 1, p. 105 - 126, 2007.

MOEHLECKE, S. **PROPOSTAS DE AÇÕES AFIRMATIVAS NO BRASIL: o acesso da população negra ao ensino superior**. 2000. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de São Paulo.

ROCHA, E. A. C. ; GONÇALVES, F.. **A PRODUÇÃO CIENTÍFICA SOBRE A EDUCAÇÃO DE BEBÊS E CRIANÇAS PEQUENAS NO CONTEXTO COLETIVO DA CRECHE.** 15. ed. Tubarão: POIÉISIS – REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – MESTRADO – UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA, 2015. 44-62 p. v. 9.

ROLDÃO, M. **As crianças, os saberes e a pedagogia da escuta.** Lisboa: Educa, 2010.

SARMENTO, M. J.; PINTO, M. (Orgs.). **As crianças: contextos e identidades.** Braga: Universidade do Minho, 1997.

SARMENTO, M. J.; GOUVÊA, M. C. (Orgs.). **Estudos da infância: educação e práticas sociais.** Petrópolis: Vozes, 2008.

SILVA, C. **A cor da infância: raça, classe e gênero na construção das infâncias no Brasil.** Belo Horizonte: Autêntica, 2021.